

PANORAMA – JULHO / 2014

Cenário

O mês de julho foi marcado por forte volatilidade, sobretudo no mercado de juros e renda variável. Os investidores contestam a possibilidade de os mercados prosseguirem com seu movimento de alta nos meses que virão às voltas com a perspectiva do fim dos estímulos a economia norte-americana, e atentos aos lucros corporativos e aos receios de propagação dos efeitos de mais um calote da Argentina.

A negociação de ações acontece conjuntamente a uma elevação na procura por dólares, o que estimula a valorização da moeda norte-americana no mundo. O dólar apresenta valorização mais forte frente as moedas de países emergentes.

Câmbio

O dólar fechou o mês de julho, com valorização frente ao real, em um movimento que projeta a divisa norte-americana próxima de R\$ 2,28.

A valorização do dólar é reflexo tanto dos ganhos no exterior quanto pelos ajustes de posições de investidores em meio à perspectiva de queda na liquidez, ante o vencimento de bilhões de dólares em swaps cambiais e linhas de dólares.

A apreensão com o calote Argentino, segunda vez desde 2001, são outros componentes que mantêm o cenário de precaução no mercado brasileiro, ainda que sem impactos diretos.

Em julho, o investimento em dólar esteve entre as melhores oportunidades, com alta de 2,6% perante o real.

Juros

O mercado de juros futuros da BM&F também foi vítima do cenário de incerteza que afeta o mercado e pelo ambiente global de ajuste nos prêmios de risco de crédito. As taxas dos contratos futuros de DI - Depósitos Interfinanceiros mais longos registraram alta firme na última semana do mês.

O relatório sobre o mercado de trabalho americano de julho, a ser divulgado em 01/08, poderá confirmar a tendência de recuperação do mercado de trabalho, e neste cenário os investidores tendem a se manter cautelosos.

No mercado doméstico, se não estabelece à composição das taxas, o agravamento das contas públicas ao menos contribui para a elevação dos prêmios de risco. O setor público não financeiro anotou déficit primário de R\$ 2,1 bilhões no mês de junho, o pior resultado para o mês. No semestre, a economia foi compatível a 0,69% do PIB - Produto Interno Bruto, o pior resultado para o período desde 1998.

A perspectiva para o mercado de juros é de volatilidade, mas com valorização dos ativos.

Neste cenário, o IMA e seus subíndices apresentaram boa valorização, e que provavelmente deverá ser superior a meta atuarial. O IMA B 5+ foi o que apresentou a maior valorização no mês, 1,31%. Mas, também o que sofreu mais com a volatilidade. Na sequência aparece o IRF M 1+ com retorno de 1,243%, o IRF M aparece em terceiro lugar, com retorno de 1,134%, seguido por IMA B, 1,126% e por fim o IMA Geral com retorno positivo de 1,041%.

Bolsa

O investimento no segmento de renda variável foi o mais rentável no mês de julho, uma vez que o Ibovespa, principal índice da bolsa de valores brasileira, subiu 5,00%.

Ao longo do mês a volatilidade deu o tom dos mercados, o mercado foi influenciado no final do mês pela correção dos ganhos nas bolsas da Europa e dos Estados Unidos. Por sua vez o fato de o governo argentino não ter chegado a um acordo com os credores que não participaram da dívida reestruturada, na prática não apresenta importância relevante para o mercado de ações.

A safra de balanços, entretanto, frustrou maiores ganhos do índice da principal Bolsa brasileira. De modo geral, os resultados divulgados vieram aquém das expectativas dos analistas.

Outra questão que pressionou e vai continuar a pressionar o Ibovespa, é a corrida eleitoral. O mercado deve continuar oscilando ao sabor das pesquisas eleitorais.

Perspectiva

A agenda doméstica neste início de mês é mais fraca, a atenção do mercado deve voltar-se mais para a divulgação dos índices de inflação, que para os indicadores mais fracos do nível de atividade econômica, que se firma como o fator preponderante de preocupação neste instante.

Logo, a divulgação do IPCA de julho prevista para esta sexta-feira, ganha muita importância.

O mercado projeta que o IPCA de julho fique ao redor de 0,15%, contra 0,40% do mês anterior. Essa queda brusca deverá ser percebida pela deflação dos preços dos alimentos, em virtude dos efeitos sazonais e pelo recuo dos preços dos transportes, sobretudo da queda das tarifas aéreas. Em que pese à desaceleração da inflação no mês, no acumulado em 12 meses o indicador deve subir para 6,58% em julho, contra 6,52% em junho. Além de permanecer acima da meta, os núcleos continuarão respaldando um cenário de elevada pressão inflacionária.

Como citamos anteriormente, os índices de inflação que serão divulgados nesta semana, destacando o IPCA de julho, deverão afetar a parte mais curta da curva de juros. Por sua vez, o vértice mais longo deve sofrer os efeitos da variação cambial e oscilar ao sabor do comportamento das treasuries (títulos de dívida negociáveis do governo norte-americano que são emitidas com vários prazos).

A perspectiva da retomada da economia norte-americana tem como reflexo à valorização do dólar, colocando em risco, a estabilidade do câmbio em R\$2,22 por unidade da moeda norte-americana por aqui. Assim, ganha importância à indicação da autoridade monetária sobre o destino do programa de rolagem dos swaps que vencem em setembro.

O mês se inicia sem fatos relevantes no cenário internacional, e os movimentos de correção que aconteceram nos últimos pregões do mês pode deixar o investidor mais precavido. O quadro político, refletido em novas pesquisas eleitorais, deve seguir com grande importância na definição dos movimentos da bolsa brasileira.